

Indústria espera retomada de financiamento externo

por Márcia Raposo
de São Paulo

"A volta do Brasil ao mercado financeiro internacional era mais do que necessária. Era vital para um país que deseja e precisa voltar a receber empréstimos externos para crescer e modernizar-se." A colocação é do vice-presidente do Centro das Indústrias do Estado de São Paulo (CIESP), Horácio Cherkassky, para quem o Brasil não pode mais viver com os constantes constrangimentos como o patrocinado pelo Grupo dos Sete (sete países mais industrializados) há alguns dias.

Do ponto de vista industrial, a perspectiva agora é gradativamente o País recuperar os créditos e financiamentos de exportações. "Que em momentos de queda do mercado interno como esse, a saída mais viável é a retomada firme e sustentada das exportações", afirmou Cherkassky, que também preside a Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose (ANFPC), onde se encontram grandes grupos exportadores do País. "Temos, é claro, que nos ajustar a nossa capacidade de pagamento, mas temos que ter bem claro que não podemos mais nos excluir do mercado financeiro internacional, porque isso é inevitável para o País", acrescentou ele.

Sérgio Luiz Bergamini, diretor do Departamento de Economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), também saudou ontem a retomada do pagamento dos juros atrasados aos credores internacionais pe-

lo Brasil. "Mesmo que tenha que haver emissão de moeda para fazer frente à retomada do pagamento dos juros, o que não acredito, eu acho válido um novo sinal de boa vontade do Brasil para com o mercado financeiro internacional", disse ontem Bergamini.

Nos corredores da FIESP, ontem, após a reunião plenária semanal, empresários comentavam que, tecnicamente, o Brasil já estava pronto para retomar o pagamento dos juros desde janeiro de 1990, quando as reservas do País foram acertadas para esse objetivo. "Mas como havia uma mudança de governo pela frente, foi melhor passar a capacidade de renegociar toda a dívida ante a volta do pagamento para o novo governo", disseram os empresários, refutando a hipótese de que o Brasil voltou a pagar depois da forte pressão sofrida pela ministra Zélia às vésperas e durante sua visita a Nagoya, Japão, para a reunião do BID. "Vamos pagar aquilo que podemos, e é isso que conta", comentou um empresário do ramo metalúrgico.

A expectativa, agora, é de que a equipe econômica do governo mantenha contatos mais assíduos com os credores internacionais de forma a que a credibilidade e o diálogo sejam retomados e o Brasil possa voltar a ser ouvido "com menos ruídos" lá fora, de forma a recuperar sua imagem na comunidade financeira, mais e mais, até o final do governo Collor. "Um relacionamento franco e cordial daqui para frente é fundamental", concordaram os empresários.